

DEZ DE DEZEMBRO

Histórias

George Saunders

Tradução ~ Isabel Castro Silva

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,
faz votos para que seja longo o caminho,
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



Dez de Dezembro
Histórias
George Saunders

Título original: *Tenth of December – Stories*

Títulos originais dos contos: *Victory Lap ~ Sticks ~ Puppy ~ Escape from
Spiderhead ~ Exhortation ~ Al Roosten ~ The Semplica Girl Diaries ~
Home ~ My Chivalric Fiasco ~ Tenth of December*

1.ª edição: Junho de 2016

© Ítaca, 2016

Copyright © George Saunders, 2013

Revisão: Madalena Fragoso

Design: Susana Cruz

Capa e paginação: Ítaca

Imagem da capa: Vitorino Ramos @vitorinoramos <https://chemoton.wordpress.com/>

Impressão: Europress

ÍTACA

CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 – 2.º D.º

1100-158 LISBOA

EDITORIAL@ITACA.PT

WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

Este livro não pode ser exportado para o Brasil.

ISBN 978-989-99470-5-4

DEPÓSITO LEGAL 410226/16

ÍNDICE

Volta da vitória	9
Paus	31
Cachorrinho	33
Fuga da Cabeça da Aranha	45
Exortação	77
Al Roosten	83
Diários das Raparigas Semplica	99
Casa	151
O meu fiasco cavaleiresco	179
Dez de Dezembro	189
Agradecimentos	221

Para Pat Pacino

VOLTA DA VITÓRIA

A três dias de fazer quinze anos, Alison Pope parou no cimo das escadas.

Digamos que era uma escadaria de mármore. Digamos que ela a descia e todas as cabeças se voltavam. Onde estava o {rapaz especial}? Eis que ele se aproximava agora, fazia uma pequena vénia e exclamava: Como podia um corpinho assim conter tanta graça? Mau. Ele tinha mesmo dito *um corpinho assim*? E ficado especado? O rosto largo de príncipe completamente desprovido de expressão? Coitado! Desculpa, nem pensar, e o rapaz voltou a descer as escadas, definitivamente não era ele o {rapaz especial}.

E que tal este tipo, atrás do Sr. Corpinho Assim, que está ao pé da consola de jogos? Tem um pescoço largo de lavrador íntegro mas também lábios rasgados e ternos e, levando-lhe uma das mãos à nuca, sussurra: Lamento muitíssimo que tenha passado por aquele mau bocado acerca do corpinho assim há pouco. E se fôssemos passear à lua? Ou, hmm, sob a lua. Ao luar.

Ele tinha mesmo dito: *E se fôssemos passear à lua?* Se sim, ela teria de reagir tipo {sobrancelhas arqueadas}. E se ele não desse já uma explicação irónica, teria de reagir tipo: Hmm, não estou propriamente vestida para passear na lua, que, tanto quanto sei, é superfria.

Então, rapazes, ela não podia estar eternamente a descer com graciosidade a escada mental de mármore! Aquela querida velhinha com uma tiara no cabelo branco já estava toda tipo: *Porque é que estes supostos príncipes obrigam aquela*

querida rapariga a marchar no mesmo lugar ad nauseam? Além disso, ela tinha um recital esta noite e precisava de ir buscar os *collants* à máquina de secar.

Hélas! A querida rapariga ainda estava no cimo das escadas.

Fazer aquela cena de olhar para cima, pôr a mão no corrimão e descer os degraus um a um com pequenos saltos, coisa que ultimamente se estava a tornar cada vez mais difícil, pois os pés de certa pessoa cresciam de dia para dia, ou assim parecia.

Pas de chat, pas de chat.

Changement, changement.

Saltar sobre a coisinha fina de metal que separa os ladrilhos do corredor do tapete da sala de estar.

Vénia ao teu reflexo no espelho da entrada.

Então, mãe, chega lá de uma vez. Não tencionamos ser outra vez «castrigadas» nas coxias por Ms. Callow.

Ainda que, na verdade, ela adorasse a Ms. C. Tão severa! Também adorava as outras raparigas da classe de *ballet*. E as raparigas da escola. *Adorava-as*. Eram todas tão simpáticas. Mais os rapazes da escola. Mais os professores da escola. Todos a darem o seu melhor. Na verdade, ela adorava a cidade inteira. O adorável merceiro, a borrfifar as alfaces com água! A pastora Carol, com o seu grande rabo confortável! O carteiro rechonchudo, a gesticular com os envelopes almo-fadados! A cidade em tempos tivera uma importante *fiacção*. Não era de loucos? E o que queria ao certo dizer «*fiacção*»?

Além disso, adorava a sua casa. Do outro lado do ribeiro ficava a igreja russa. Tão étnica! Aquela cúpula em forma de cebola assomava à sua janela desde os dias em que ela gostava do Winnie the Pooh. Também adorava Gladsong Drive. Todas as casas na rua Gladsong eram do modelo Corona del Mar. E isso era fantástico! Se tivesses amigos em Gladsong, já sabias onde ficavam todas as coisas em casa dele ou dela.

Jeté, jeté, rond de jambé.

Pas de bourrée.

Num capricho contente, dar uma cambalhota, ficar de pé num salto, beijar a fotografia da mãe e do pai tirada na loja Penney's no tempo da Idade da Pedra, quando tu eras esta coisinha fofa {beijo} com um laçarote maior do que todos os *outdoors*.

Às vezes, sentindo-se feliz como agora, ela imaginava um bambi bebé a tremer na floresta.

Onde está a tua mamã, pequenino?

Não sei, dizia o bambi com a voz da Becca, a irmã mais nova da Heather.

Tens medo, perguntava-lhe. Tens fome? Queres que te segure ao colo?

Ok, dizia o bambi bebé.

Agora chega o caçador a arrastar a mãe do bambi pelas hastes. As vísceras completamente expostas. Meu Deus, que cena! Tapou os olhos da cria e disse tipo: Não tens nada melhor para fazer, caçador bafiento, do que matar a mãe desta cria? Mas parece bastante simpático.

A minha mãe foi morta?, disse o bambi na voz da Becca.

Não, não, respondeu ela. Este cavaleiro estava mesmo a ir-se embora.

O caçador, cativado pela beleza da rapariga, tirou ou virou o boné e, com um joelho por terra, disse: Pudesse eu trazer à vida esta corça e assim faria, na esperança de que a menina depositasse um beijo terno na nossa fronte encanecida.

Vai, dizia ela. Mas, para expiaries o teu crime, não comas a corça. Leva-a para um campo de trevos e espalha rosas à sua volta. E providencia um coro, que cante gentilmente sobre o seu fim indigno.

Levar quem?, perguntava o bambi.

Ninguém, dizia ela. Não interessa. Pára de fazer tantas perguntas.

Pas de chat, pas de chat.

Changement, changement.

Tinha esperança de que o {rapaz especial} lhe acenasse de longe. Os rapazes da cidade tinham um certo *je ne sais quoi*,

ainda que, para dizer a verdade, não fossem nada de *très magnifique*, por exemplo, davam nomes aos seus próprios testículos. Ela tinha ouvido sem eles saberem! E a sua ambição era trabalhar na CountyPower, porque as *T-shirts* de trabalho eram espectaculares e à borla.

Por isso, rapazes da cidade jamais. Um jamais especial para o Matt Drey, que tem a maior boca da Terra. Beijá-lo na outra noite, antes do jogo, tinha sido como beijar uma passagem subterrânea.

Sus-to! Beijar o Matt foi como de repente tens um boi vestido numa camisola a correr para ti, que não aceita que digas não, e a cabeça deste enorme boi está cheia de químicos que vão afogar a pouca inteligência que o Matt tinha.

Ela gostava de ser dona de si mesma. Do seu corpo, da sua mente. Dos seus pensamentos, da sua carreira, do seu futuro.

Era disso que gostava.

Seja.

Podemos comer um pequeno lanche.

Un petit repas.

Se ela era especial? Se se considerava especial? Oh, a sério, ela não sabia. Na história do mundo havia tantas pessoas mais especiais do que ela. Helen Keller fora espectacular; a Madre Teresa era fantástica; a Mrs. Roosevelt era muito animada, apesar do marido, que era deficiente, e, além disso, era homossexual, com aqueles dentes grandes e velhos, muito antes de uma Primeira Dama homossexual ser sequer uma coisa conceptual. Ela, Alison, não podia ter a esperança de concorrer na mesma categoria dessas senhoras. Pelo menos, por enquanto!

Havia tantas coisas que ela não sabia! Por exemplo, como mudar o óleo. Ou sequer verificar o óleo. Como abrir a capota. Como fazer biscoitos. E na verdade tinha vergonha, já que era uma rapariga e tudo. E o que era uma hipoteca? Era uma coisa que vinha com a casa? E quando se amamentava tinha-se tipo de fazer força para o leite sair?

Hélas. Quem era esta figura esbatida que se via da janela da sala de estar a correr pela Gladsong Drive? Kyle Boot, o

rapaz mais pálido do mundo? Ainda vestido com calções de atletismo?

Coitado. Parecia um esqueleto com um mau corte de cabelo. Aqueles calções seriam do tempo dos *Anjos de Charlie* ou *quoi*? E como é que ele corria tão depressa se parecia não ter literalmente músculos nenhuns. Todos os dias voltava para casa a correr assim, sem *T-shirt* e com a mochila às costas, depois entrava em piloto automático junto à casa dos Fung e entrava a toda a velocidade na garagem da sua casa sem abrandar o passo.

Era quase admirável, o pobre pateta.

Tinham crescido juntos, dois bebezinhos na caixa de areia junto ao ribeiro. E não tinham também tomado banho juntos quando alguém fizera chichi ou qualquer outro nojinho? Esperava que isso nunca se soubesse. Porque, em termos de amigos, o Kyle basicamente só tinha o Feddy Slavko, que caminhava inclinado para trás e estava sempre a tirar coisas dos dentes, depois anunciava em grego o nome da coisa que tinha tirado e voltava a comê-la. Os pais do Kyle não o deixavam fazer nada. Tinha de voltar para casa se o filme sobre Culturas do Mundo mostrasse maminhas. Todas as coisas que trazia na lancheira estavam claramente etiquetadas.

Pas de bourrée.

E vénia.

Despejar uma quantidade de *Cheez Doodles* na caixa *Tupperware* compartimentada da velha guarda.

Obrigada, mãe, obrigada, pai. A vossa cozinha é o máximo.

Sacudir a caixa *Tupperware* como se estivesse à procura de ouro, depois oferecer o conteúdo a um grupo de pobres imaginários.

Por favor, comam, comam. Há mais alguma coisa que possa fazer por vocês?

Já fizeste muito, Alison, só por te teres dignado a falar conosco.

Não é nada verdade! Todas as pessoas merecem respeito, não percebem? Cada um de nós é um arco-íris.